



VESTIBULAR 2003

**PROVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA,
DE LÍNGUA INGLESA E DE REDAÇÃO**

CADERNO DE QUESTÕES

INSTRUÇÕES

1. Preencher com seu nome e número da carteira os espaços indicados nas páginas 2 e 16 deste caderno.
2. Assinar a Folha Definitiva de Respostas e a capa do seu caderno de respostas, com caneta de tinta azul ou preta, nos espaços indicados.
3. Esta prova contém 16 questões objetivas, com apenas uma alternativa correta em cada questão, 12 questões discursivas e uma proposta de redação.
4. Destacar a tira desta página, destinada às respostas das questões objetivas.
5. Depois de assinaladas todas as respostas das questões objetivas, transcrevê-las para a Folha Definitiva de Respostas.
6. O desenvolvimento e as respostas das questões discursivas e a redação devem ser feitos nos espaços indicados no caderno de respostas.
7. A duração total da prova é de 4 horas. O candidato somente poderá entregar a prova e sair do prédio a partir de 2 horas do início da prova.
8. Ao sair, o candidato levará apenas a tira destacada desta página. Este caderno lhe será entregue ao final das provas de Química, Matemática e História.
9. Transcorridas 4 horas de prova, o fiscal recolherá este caderno, a Folha Definitiva de Respostas e o caderno de respostas.

Respostas

01	<input type="checkbox"/>
02	<input type="checkbox"/>
03	<input type="checkbox"/>
04	<input type="checkbox"/>
05	<input type="checkbox"/>
06	<input type="checkbox"/>
07	<input type="checkbox"/>
08	<input type="checkbox"/>
09	<input type="checkbox"/>
10	<input type="checkbox"/>
11	<input type="checkbox"/>
12	<input type="checkbox"/>
13	<input type="checkbox"/>
14	<input type="checkbox"/>
15	<input type="checkbox"/>
16	<input type="checkbox"/>



Nome do candidato

Número da carteira

PROVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
E DE LÍNGUA INGLESA

1ª PARTE

QUESTÕES OBJETIVAS

LÍNGUA PORTUGUESA

Para responder às questões de números **01** a **03**, leia o trecho extraído de *Gabriela, cravo e canela*, obra de Jorge Amado.

O marinheiro sueco, um loiro de quase dois metros, entrou no bar, soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”. Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível. Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão, servira cachaça de graça aos marinheiros. Passou o dedo indicador no polegar, a perguntar pelo dinheiro. Vasculhou os bolsos o loiro sueco, nem sinal de dinheiro. Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada. No balcão colocou a nórdica mãe-d’água, Yemanjá de Estocolmo. Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina por detrás da Igreja. Mirou a sereia, seu rabo de peixe. Assim era a anca de Gabriela. Mulher tão de fogo no mundo não havia, com aquele calor, aquela ternura, aqueles suspiros, aquele langor. Quanto mais dormia com ela, mais tinha vontade. Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela. Nunca mais lhe dera um presente, uma tolice de feira. Tomou da garrafa de cachaça, encheu um copo grosso de vidro, o marinheiro suspendeu o braço, saudou em sueco, emborcou em dois tragos, cuspiu. Nacib guardou no bolso a sereia dourada, sorrindo. Gabriela riria contente, diria a gemer: “precisava não, moço bonito ...”

E aqui termina a história de Nacib e Gabriela, quando renasce a chama do amor de uma brasa dormida nas cinzas do peito.

- 01.** No texto, o autor relaciona a cultura nacional à estrangeira, buscando, por meio da comparação, estabelecer equivalências entre elas. O trecho do texto que indica esse tipo de comparação é
- (A) Passou o dedo indicador no polegar ...
 - (B) ... servira cachaça de graça aos marinheiros.
 - (C) No balcão colocou a nórdica mãe-d’água ...
 - (D) ... e apontou com o dedo as garrafas de “Cana de Ilhéus”.
 - (E) Um olhar suplicante, umas palavras em língua impossível.
- 02.** A oração *Vasculhou os bolsos o loiro sueco*, com a substituição do complemento verbal por um pronome oblíquo, equivale a
- (A) Vasculhou-o os bolsos.
 - (B) Vasculhou-se o loiro sueco.
 - (C) Vasculhou-lhe os bolsos.
 - (D) Vasculhou-lhes o loiro sueco.
 - (E) Vasculhou-os o loiro sueco.

03. Assinale a alternativa que contém um trecho em que o autor apresenta as informações numa linguagem altamente conotativa.

- (A) ... soltou um bafo pesado de álcool na cara de Nacib ...
- (B) Os olhos do árabe fitavam Gabriela a dobrar a esquina ...
- (C) Já cumprira Nacib, na véspera, seu dever de cidadão ...
- (D) Mas descobriu um broche engraçado, uma sereia dourada.
- (E) Parecia feita de canto e dança, de sol e luar, era de cravo e canela.

As questões de números **04** e **05** baseiam-se no poema épico *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, do qual se reproduzem, a seguir, três estrofes.

Mas um velho, de aspeito venerando, (= aspecto)
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
C’um saber só de experiências feito,
Tais palavras tirou do experto peito:

“Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos Fama!
Ó fraudulento gosto, que se atixa
C’uma aura popular, que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!

Dura inquietação d’alma e da vida
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te Fama e Glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana.”

- 04.** Os versos de Camões foram retirados da passagem conhecida como *O Velho do Restelo*. Nela, o velho
- (A) abençoa os marinheiros portugueses que vão atravessar os mares à procura de uma vida melhor.
 - (B) critica as navegações portuguesas por considerar que elas se baseiam na cobiça e busca de fama.
 - (C) emociona-se com a saída dos portugueses que vão atravessar os mares até chegar às Índias.
 - (D) destrata os marinheiros por não o terem convidado a participar de tão importante empresa.
 - (E) adverte os marinheiros portugueses dos perigos que eles podem encontrar para buscar fama em outras terras.
- 05.** Entre os versos *Chamam-te ilustre, chamam-te subida, / Sendo digna de infames vitupérios*, a relação que se estabelece é de
- (A) oposição.
 - (B) explicação.
 - (C) causa.
 - (D) modo.
 - (E) conclusão.

As questões de números **06 a 08** referem-se ao trecho de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, reproduzido a seguir. Nessa obra, a personagem Diadorim é uma mulher que se faz de homem para entrar no bando de Riobaldo – narrador da história – e vingar a morte de seu pai. Riobaldo só descobre isso depois da morte de Diadorim.

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. (...) De que jeito eu podia amar um homem, meu de natureza igual, macho em suas roupas e suas armas, espalhado rústico em suas ações?! Me franzi. Ele tinha a culpa? Eu tinha a culpa?

- 06.** As considerações do narrador mostram-no confuso pelo fato de
- (A) estar apaixonado sem ser correspondido.
 - (B) não conseguir esconder o seu amor por Diadorim.
 - (C) perceber que nutria por Diadorim um amor homossexual.
 - (D) sentir crescer o amor de Diadorim por ele.
 - (E) ser ignorado por Diadorim, que não sabe de seu amor.

- 07.** As orações interrogativas que finalizam o trecho permitem entender que
- (A) o amor representa, necessariamente, indecisão.
 - (B) o amor não revela a sensibilidade humana.
 - (C) sem culpa não se vive o amor.
 - (D) não há culpados quando se ama.
 - (E) o amor é sentimento de culpa e sofrimento.
- 08.** Assinale a oração em que, alterando-se a posição do pronome, faz-se a sua adequação ao registro prescrito pela gramática normativa da língua portuguesa.
- (A) Ele tinha a culpa? = Tinha a culpa ele?
 - (B) Me franzi. = Franzi-me.
 - (C) Os olhos – vislumbre meu ... = Os olhos – meu vislumbre ...
 - (D) ... como o de nenhum pasto. = ... como o de pasto nenhum.
 - (E) De que jeito eu podia amar um homem ... = De que jeito podia eu amar um homem ...

Para responder às questões de números **09 e 10**, leia a charge a seguir.



(www.chargeonline.com.br)

- 09.** As informações da charge, presentes nas falas de ambas as personagens, permitem afirmar que
- (A) o marido mora longe do trabalho.
 - (B) os sapatos são muito caros.
 - (C) o marido não sabe economizar sapato.
 - (D) o preço do combustível está muito alto.
 - (E) a família tem muita despesa com sapatos.

10. Na fala da mulher, substituindo *é mais barato* por *é preferível* e adequando a frase à norma culta, obtém-se:
- (A) É preferível comprar sapato toda semana a abastecer o carro.
 - (B) É preferível comprar sapato toda semana do que abastecer o carro.
 - (C) É preferível comprar sapato toda semana que abastecer o carro.
 - (D) É preferível comprar sapato toda semana de que abastecer o carro.
 - (E) É preferível comprar sapato toda semana ante a abastecer o carro.

LÍNGUA INGLESA

As questões de números 11 a 16 referem-se ao texto seguinte.

TRANSCENDENTAL MEDICINE

1. American football is often described as a game of inches. Neuroscience is much the same. Forward progress is difficult, and each stride small. And though the basic anatomy of the brain is known, it is not always clear what role each little part plays. Now neuroscientists think they may have pinned down the source of out-of-body experiences, phenomena that have long confounded scientists and delighted occultists.
2. While probing the brain of a woman who suffered from epilepsy, Olaf Blanke, at the University Hospital of Geneva, found that stimulating the right angular gyrus (a point about an inch above and slightly behind the right ear, and just inside the skull) caused her to feel that she was travelling out of her own body. She also felt herself through dark space, saw her life pass before her eyes and then entered a realm of light where she encountered deceased relatives and friends. She maintained the prevailing emotion during the process was euphoria.
3. In a treatment undertaken after more than ten years of drug therapy had failed, around 100 electrodes were implanted in the woman's brain. Over the course of a week, the electrodes were monitored to find the source of electric currents in the brain responsible for the seizures. For around 90 minutes each day, the electrodes were also stimulated to map the structure of the brain so as to identify language centres and other vulnerable areas.

4. When the current was first applied to the right angular gyrus, the woman reported that she was sinking into the bed, as if falling from a height. As he reports in *Nature*, a magazine thoroughly devoted to the sciences, Dr Blanke then systematically applied additional electric currents to the woman's right angular gyrus. When she looked at her legs during the stimulations, she saw them grow shorter. Similarly, her left arm felt as if it was shrinking. And her head felt much bigger. But when her eyes were averted, the stimulation led to her apparently seeing herself lying in bed, from about two metres above it.
5. Though he stresses that the mechanisms involved are not fully understood, Dr Blanke supposes that such an out-of-body experience is caused when inputs from the 'body schema' – the system that gives one a sense of one's own body – get out of synch with those from the vestibular system, which is responsible for balance. But deliberately disrupting this synchronization, Dr Blanke can induce such experiences.
6. But this accidental discovery accompanies another pleasing result for Dr Blanke: after the removal of a small section of her brain identified by the study, the epilepsy patient is now back at work, almost fully cured of her seizures.

(Adaptado de "Transcendental Medicine", in *The Economist*, September 21st 2002)

11. Segundo o texto,

- (A) as pequenas partes de nosso cérebro é que esclarecem o funcionamento desse órgão como um todo.
- (B) nosso atual conhecimento anatômico do cérebro explicita o funcionamento de cada uma de suas partes.
- (C) conhecer a anatomia básica do cérebro permitiu-nos explicar a origem do fenômeno extracorpóreo.
- (D) o conhecimento da anatomia básica do cérebro nos permite vencer as dificuldades de esportes como o futebol.
- (E) nosso conhecimento da anatomia básica do cérebro nem sempre especifica as funções dos componentes desse órgão.

12. A paciente tratada pelo Dr. Blanke

- (A) tinha ataques que duravam até 90 minutos por dia.
- (B) havia se submetido, sem sucesso, a um tratamento com eletrodos.
- (C) sofria de ataques por ter consumido drogas durante dez anos.
- (D) passou por um tratamento que combinava drogas tradicionais e choques elétricos.
- (E) teve eletrodos implantados no cérebro para que se identificasse de onde provinham seus ataques.

13. Durante a experiência extracorpórea, a paciente

- (A) sentia que passava primeiro pela luz e, em seguida, pela escuridão total.
- (B) tinha consciência de que sua vida ainda não chegara a um fim.
- (C) experimentava uma sensação de alegria intensa.
- (D) distinguia, em meio à escuridão, parentes e amigos já falecidos.
- (E) sentia que, de seu corpo, jorrava um intenso jato de luz.

14. Quando seu giro angular direito era estimulado por uma corrente elétrica,

- (A) um dos membros superiores da paciente parecia estar diminuindo de tamanho.
- (B) o braço esquerdo da paciente parecia-lhe maior que o natural.
- (C) a paciente não conseguia desviar os olhos de suas próprias pernas, que lhe pareciam mais longas.
- (D) a paciente se sentia arrancada da cama e atirada ao chão.
- (E) as pernas da paciente pareciam-lhe maiores e flutuando a dois metros do chão.

15. O Dr. Blanke

- (A) acredita já ter chegado à compreensão dos mecanismos das experiências extracorpóreas.
- (B) imagina que a experiência extracorpórea ocorre quando deixa de haver sincronia entre dois sistemas de nosso corpo.
- (C) não descarta a possibilidade de a experiência extracorpórea combinar elementos físicos e metafísicos.
- (D) pensa que a experiência extracorpórea ocorre quando o 'esquema corpóreo' e o esquema vestibular entram em sincronia.
- (E) acredita que todos os pacientes com problemas neurológicos apresentam problemas em seu 'esquema corpóreo'.

16. No parágrafo 5, a palavra *one* refere-se

- (A) ao 'esquema corpóreo'.
- (B) aos pacientes do Dr. Blanke.
- (C) à experiência extracorpórea.
- (D) às pessoas em geral.
- (E) ao corpo humano.

PROVAS DE LÍNGUA PORTUGUESA
E DE LÍNGUA INGLESA

2ª PARTE

QUESTÕES DISCURSIVAS

LÍNGUA PORTUGUESA

As questões de números 17 a 19 baseiam-se nos textos a seguir.

Iracema, de José de Alencar.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada; mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

(...)

A mão que rápida ferira, estancou mais rápida e compassiva o sangue que gotejava. Depois Iracema quebrou a flecha homicida; deu a haste ao desconhecido, guardando consigo a ponta farpada.

O guerreiro falou:

– Quebras comigo a flecha da paz?

– Quem te ensinou, guerreiro branco, a linguagem de meus irmãos? Onde vieste a estas matas, que nunca viram outro guerreiro como tu?

– Venho de bem longe, filha das florestas. Venho das terras que teus irmãos já possuíram, e hoje têm os meus.

– Bem-vindo seja o estrangeiro aos campos dos tabajaras, senhores das aldeias, e à cabana de Araquém, pai de Iracema.

Rosinha, minha canoa, de José Mauro de Vasconcelos.

Achava-se contente da vida, pescando e salgando o seu peixinho, quando a canoa do índio atracou na praia.

– Que é que foi Andedura?

Andedura sungou a canoa na areia.

– Zé Orocó, tem lá um home. Diz que é dotô. Quando dá fé é mesmo, porque ele tem uma mala cheia de roupa e outra cheia de munto remédio.

– E que é que ele quer comigo?

– Sei não. (...) Tu vai?

O coração de Zé Orocó fez um troque-troque meio agoniado. Franziu a testa, tentando vencer, afastar um mau sentimento.

– Como é que é o homem?

Grandão, meio *laranjo* no cabelo. Forte, sempre mudando a camisa pur causa do calô. Se tira a camisa, num güenta “mororã” porque tem pele branquinha, branquinha. Peitão meio gordo, ansim que nem ocê, cheio de *sucusiri*. Quano chegô, tinha barriga meio grande, mais parece que num gosta munto de cumida da gente; tá ficano inxuto. Eu pensei que ele fosse irmão daquele padre Gregoro, que pangalô aqui pelo Araguaia já vai pra uns cinco ano ...

Feito o retrato o índio descansou ...

17. Os trechos de Alencar e Vasconcelos pertencem a diferentes momentos da literatura brasileira e dão indícios muito claros das características de cada momento.

a) Relacione cada trecho à tendência literária a que pertence e aponte uma característica de cada que permita estabelecer tal relação.

b) A questão da civilidade é apresentada de forma diferente em cada texto, pelo fato de representarem diferentes momentos histórico-sociais. Comente como essa noção define os personagens indígenas nos textos.

18. Os textos mostram possibilidades de expressão dentro de uma mesma língua: os recursos lingüísticos de Alencar não são, na sua totalidade, os mesmos empregados por Vasconcelos.

a) Observando a fala de Iracema e Andedura, percebe-se que ambos utilizam a 2ª pessoa do singular para se referirem ao seu interlocutor. Em que os usos de ambos se diferenciam? Reescreva uma frase de cada uma dessas personagens, empregando o registro de 3ª pessoa do singular.

b) Como se pode explicar a formação das expressões *laranjo* e *chegô*, presentes na fala de Andedura?

19. Em *Iracema*, Alencar traz como personagem central uma índia.

a) Como se define a personagem Iracema, mulher e índia, em relação ao movimento literário a que pertenceu Alencar?

b) Os vocativos presentes nas falas de Iracema e do moço desconhecido permitem analisar como cada um deles concebia o outro. Transcreva esses vocativos do texto e explique a imagem que Iracema tinha do desconhecido e a imagem que ele tinha de Iracema.

Para responder às questões de números **20** e **21**, leia os textos a seguir.

Psicografia, de Ana Cristina Cesar.

Também eu saio à revelia
e procuro uma síntese nas demoras
cato obsessões com fria têmpera e digo
do coração: não soube e digo
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar
na vida) e demito o verso como quem acena
e vivo como quem despede a raiva de ter visto

Autopsicografia, de Fernando Pessoa.

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só as que eles não têm.

E assim nas *calhas de roda*
Gira, a entreter a razão,
Esse *comboio* de corda
Que se chama o coração.

Vocabulário:

comboio: trem de ferro.

calhas de roda: trilhos sobre os quais corre o trem de ferro.

20. Compare os poemas de Fernando Pessoa e de Ana Cristina Cesar e responda:

- Por que se pode dizer que em ambos os poemas está presente a função metalingüística?
- Explique a ambigüidade presente no poema de Fernando Pessoa, revelada pelo título e pelo adjetivo *fingidor*, em contraste com o poema de Ana Cristina Cesar.

21. Na segunda estrofe do poema de Fernando Pessoa, há um jogo de sentido estabelecido entre os pronomes *ele* e *eles*.

- A quem se refere cada um desses pronomes?
- Como se pode entender a *dor*, referida nesta estrofe, em relação a *ele* e *eles*?

22. *O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa, em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias; e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados; e nestes seca-se a palavra de Deus, e se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam; e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente, a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração; e nestes prende e frutifica a palavra divina, com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um ...*

(Padre Vieira, *Sermão da Sexagésima*)

Pode-se dizer que os sermões de Vieira revestem-se de um jogo intelectual no qual se vê o prazer estético do autor para pregar a palavra de Deus, por meio de uma linguagem altamente elaborada.

- Um dos recursos bastante utilizado por Vieira é o de disseminação e recolha, por meio do qual o autor “lança” os elementos e depois os retoma, um a um, explicando-os. Transcreva o período em que Vieira faz esse lançamento dos elementos e indique os termos aos quais eles vão sendo comparados.
- Explique que comparação conduz o fio argumentativo do Padre Vieira neste trecho.

23. A revista *Veja*, referindo-se aos empresários brasileiros, na edição de 02.10.2002, às vésperas das eleições, utilizou o seguinte título para uma matéria: *Eles lularam na reta final*. Tomando-se como referência o contexto das eleições, responda:

- Qual o significado da forma verbal *lularam*?
- Do ponto de vista gramatical, por meio de que recurso o verbo da frase foi criado?

24. *Entre eles, o casamento não era a mesma coisa que costumava ser para os outros; nada tinha das alegrias inefáveis ou das ilusões juvenis. Era um ato simples e grave. E foi o que Estela lhe disse a ele, no dia em que trocaram reciprocamente as primeiras promessas.*

– *Creio que nenhuma paixão nos cega, e se nos casamos é por nos julgarmos friamente dignos um do outro.*

– *Uma paixão de sua parte, em relação à minha pessoa, seria inverossímil, confessou Luís Garcia; não lha atribuo. Pelo que me toca, era igualmente inverossímil um sentimento dessa natureza, não porque a senhora o não pudesse inspirar, mas porque eu já o não poderia ter.*

– *Tanto melhor, concluiu Estela; estamos na mesma situação e vamos começar uma viagem com os olhos abertos e o coração tranqüilo. Parece que em geral os casamentos começam pelo amor e acabam pela estima; nós começamos pela estima; é muito mais seguro.*

(Machado de Assis, *Iaiá Garcia*)

Alfredo Bosi, em sua obra *História Concisa da Literatura Brasileira*, faz a seguinte consideração:

“... livros como *A Mão e a Luva* e *Iaiá Garcia* tiveram um significado preciso na história do romance brasileiro: alargaram a perspectiva do melhor Alencar urbano no sentido de encarecer o relevo do *papel social* na formação do ‘eu’, papel que vem a ser aquela segunda natureza, considerada em *Iaiá Garcia* ‘tão legítima e imperiosa como a outra’. O roteiro de Machado após a experiência dos romances juvenis desenvolveu essa linha de análise das máscaras que o homem afivela à consciência tão firmemente que acaba por identificar-se com elas.”

a) Qual a concepção de casamento que o autor define em sua obra? Confirme a sua resposta com informações do texto.

b) Considerando as informações de Alfredo Bosi, especialmente no que diz respeito às *máscaras*, de que maneira Machado concebe a sociedade?

Leia novamente o texto *Transcendental medicine*, na página 7, e responda, em português, às questões de números 25 a 28.

25. Releia o primeiro parágrafo do texto e explique

- a) a comparação entre o futebol americano e a neurologia.
- b) de que forma o autor se refere ao fenômeno da experiência extracorpórea.

26. Segundo o texto,

- a) onde se localiza o giro angular?
- b) o que aconteceu, segundo a paciente, quando lhe foi aplicada, pela primeira vez, uma corrente elétrica em seu giro angular?

27. No quarto parágrafo do texto,

- a) como é descrita a revista *Nature*?
- b) como a paciente sentia sua cabeça?

28. Releia o quinto parágrafo do texto e responda:

- a) a que se deve a sensação de equilíbrio do corpo humano?
- b) o que o Dr. Blanke afirma não entender completamente?

PROVA DE REDAÇÃO

PROVA DE REDAÇÃO

As drogas preocupam os diversos segmentos da sociedade, quer seja pelos jovens cada vez mais cedo tomando parte do chamado “mundo das drogas”, quer seja pelo complexo sistema do narcotráfico, que tem desafiado, de forma acintosa, as autoridades.

Elabore uma dissertação em prosa, expondo seu ponto de vista sobre a seguinte questão:

As drogas devem ser liberadas?

Textos auxiliares:

1) Opiniões de leitores, enviadas ao “Fórum dos Leitores” do Jornal *O Estado de S.Paulo*, em janeiro de 2001.

– Discriminar e Legalizar – Ao invés de ficar pregando contra as drogas, porque não agimos de forma positiva? Todos sabemos que as drogas, nas suas mais variadas formas, são consumidas desde a Antigüidade. Como remédios, como anestésicos, como entorpecentes, como forma de se divertir, como forma de se esquecer da vida desgraçada, etc. Portanto, sempre haverá seres humanos dispostos a consumi-las, sempre. Na década de 20, os EUA tentaram proibir o consumo da mais famosa, o álcool. Deu no que deu. Tráfico, tiroteios, mortes. O consumo caiu? Não, só aumentou, tiveram de legalizar. Com a legalização, o governo passou a arrecadar – e como! – impostos com o consumo de álcool. A indústria de bebidas cresceu na legalidade, oferecendo empregos. As pessoas que consumiam escondidas, sem saber de onde vinha o produto, passaram a ter direitos de consumidor, para poder reclamar do produto. Imaginam isso acontecer com a maconha e a cocaína, por exemplo? O governo poderia controlar a produção, taxar fortemente e arrecadar muito. Os consumidores estariam protegidos, pois haveria garantias do produto, o fabricante teria sua “marca” e tal, como as cervejas. E o melhor de tudo, milhares de vidas que se perdem hoje nos tiroteios entre traficantes e contra a polícia seriam preservadas. Na Europa os movimentos de descriminalização da maconha ganham força. Quando o Estadão, em seus Editoriais, vai apoiar tal medida? Só depois de atingirmos mais de um milhão de mortos, ou quando nos EUA tomarem esta medida e vocês se virem obrigados a copiar?

– É inegável que o uso sistemático de drogas leva à degradação física, psíquica e moral os indivíduos, fato que se constitui em um desafio a ser vencido pela sociedade como um todo, a começar na órbita familiar, onde os pais devem orientar os filhos, perceber suas reações, identificar alterações de comportamento, impedindo, sobretudo, que se viciem.

Se, de um lado, as escolas têm, também, papel fundamental, com vista à orientação dos jovens, assim como a polícia deve estar suficientemente aparelhada, ensejando a que haja maior eficiência no combate ao tráfico, de outro, cabe igualmente aos médicos e sistemas de saúde, numa ação multidisciplinar, grande responsabilidade, tanto na orientação preventiva, quanto na recuperação dos viciados.

Está claro, todavia, que com tal iniquidade não se pode conviver, diante de uma atitude omissa e irresponsável do poder público, cujo problema tem imposto fragorosa derrota a todas as nações, consoante o Programa das Nações Unidas para o Controle de Drogas (UNDCP) revela que o tráfico movimentado cerca de 400 bilhões por ano, o equivalente a 8% das exportações mundiais, de sorte que a batalha contra os entorpecentes seja travada junto a seu elo que se reputa mais frágil e exposto: os pré-falados viciados.

2) *Veja*, 14 de novembro de 2001.

Felipe é um dentista de 53 anos. Como tantos outros de sua geração, começou a fumar maconha nos anos 60, quando a erva fazia parte do pacote básico dos jovens que queriam “contestar o sistema” ou apenas “curtir numa boa” (...). Felipe acendia baseado escondido dos pais. Depois de adulto e casado, continuou a fumar os cigarrinhos enrolados em papel de seda, mas sem ocultar o hábito de seus dois meninos. Hoje, a maconha é um item menos presente no cardápio de Felipe. Mas se tornou algo a ser compartilhado com os filhos. No mês passado, ele e Lúcio, o primogênito de 26 anos, introduziram o caçula de 16 na rodinha de fumo caseira. *Nessas ocasiões, ficamos alegres, rimos bastante*, diz Felipe.

O fenômeno do *baseado em família* já apresenta proporções suficientes para chamar a atenção dos especialistas no tratamento de dependentes químicos. (...)

Para esses pais, fumar maconha é uma experiência inócua, que serve inclusive para estreitar laços. É uma visão equivocada. Assim como o álcool e o tabaco, a maconha faz mal, sim, à saúde. Com um agravante: é droga ilegal. Esse fato, no caso do “baseado em família”, tem implicações maiores do que a pena criminal. Uma das funções dos pais é inculcar nos filhos a obediência a determinados códigos. Em muitos pontos, as figuras paterna e materna encarnam as próprias regras sociais, o que é essencial não só para a educação, como para a formação da personalidade da criança e do jovem. (...) Os especialistas são unânimes: se um adulto é usuário de maconha (ou de qualquer outra droga), que a utilize longe da vista de seus filhos. A hipocrisia, aqui, é mesmo um elogio que o vício presta à virtude.

Nome do candidato

Número da carteira